

# JEAN-JACQUES ROUSSEAU: O PENSAMENTO ILUSTRADO E O HOMEM NATURAL

Egon Dias<sup>1</sup>

**RESUMO:** A reflexão presente no texto aborda a contextualização de uma importante obra de um dos principais filósofos iluministas da França: Jean-Jacques Rousseau e seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1754). Buscou-se estabelecer uma relação entre obra, autor e o pensamento que vigorava à época do Iluminismo, compreendendo a publicação do livro naquele momento e quais são os possíveis reflexos dela na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Iluminismo/Ilustração; homem natural; Estado de natureza; democracia.

**ABSTRACT:** The hereby presented in this text address to the contextualization of an important work of one of the most relevant French illuminists philosophers: Jean-Jacques Rousseau and his *Discourse on the Origin and Basis of Inequality Among Men* (1754). It was aimed to establish a relation between the author, the work and the current thinking that took place during the French Enlightenment, reaching an understanding of the publication on that days and what are the possible reflects of it in the contemporaneity.

**Keywords:** Enlightenment/Illustration; men in state of nature; State of Nature; democracy.

## Introdução

Pensar o Iluminismo atualmente é na verdade pensar o legado que este movimento intelectual do século XVIII deixou para os dias atuais. Tal legado pode ser caracterizado pela crença inquestionável na ciência e nos princípios do conhecimento adquirido através do uso da Razão. Este é um dos pilares que coloca Francisco José Calazans Falcon em seu *Iluminismo* (1986). Porém, um outro ponto de partida a se pensar, é como as obras de autores consagrados do Iluminismo foram se constituindo à época em que este movimento ainda acontecia na Europa, relacionando-as com os ideais iluministas propagados e a concepção das teorias surgidas nos idos dos setecentos. Ou seja, além de se

---

<sup>1</sup> Licenciado e bacharel em História pelo UNI-BH, especialista em História e Culturas Políticas e em Temas Filosóficos pela UFMG, mestrando em Filosofia pela FAJE, sob orientação do prof. Dr. Carlos Roberto Drawin. Bolsista da CAPES. E-mail de contato [egonfelipe@yahoo.com.br](mailto:egonfelipe@yahoo.com.br).

tentar perceber o legado deixado às sociedades posteriores ao movimento ilustrado europeu do século XVIII, é tentar perceber também o contexto de criação das obras e as discussões feitas na época, caracterizando assim a criação de obras clássicas que permeiam até hoje os debates ligados às ciências em suas mais diversas áreas, principalmente as humanas.

Portanto, o intuito do presente texto é buscar contextualizar uma importante obra de um dos principais filósofos iluministas da França: Jean-Jacques Rousseau e seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1754). A idéia é buscar estabelecer uma relação existente entre a obra, o autor e o pensamento Ilustrado, dando à obra uma significação maior para que assim seja possível compreendê-la em sua época e verificar também a herança deixada por ela. É importante verificar a metodologia utilizada por Rousseau na concepção da obra, quais suas fontes de inspiração, em que se baseou, tudo isso dando a conformação necessária que permite relacionar o contexto vivido e os escritos do autor.

O contexto referido aqui não é somente o vivido na política e na economia, por exemplo, mas também e principalmente o contexto intelectual, o cotidiano das idéias e seus afins, pois é nesse ramo social que o Iluminismo tem suas raízes mais fortes e profundas.

Rousseau baseia seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* em um homem natural, ou seja, um homem que está no chamado Estado de Natureza, vivendo seus primórdios, descrevendo sua evolução e sua degeneração social graças ao advento da sociedade. É nesse sentido que se buscará uma relação entre este homem natural e sua evolução com o pensamento Ilustrado.

## **Desenvolvimento**

Para iniciar a reflexão é importante pensar sobre a concepção do termo Iluminismo e Ilustração, como muito bem ilustra Francisco Falcon:

O jogo das palavras: “Iluminismo” ou “Ilustração”? À primeira vista, nossa indagação possui um certo sabor de preciosismo, não é mesmo? Afinal, que diferença faz? *Iluminismo* é a palavra utilizada pela maioria. *Ilustração*, talvez a mais *correta*, tem pouco trânsito<sup>23</sup>.

<sup>2</sup> FALCON, *Iluminismo*, p. 9.

<sup>3</sup> Grifo do autor.

De acordo com Walter Brugger, em seu “Dicionário de Filosofia”, ao conceito de Iluminação e de Iluminismo têm-se as seguintes definições, respectivamente:

(...) peculiar influxo divino na aquisição do conhecimento humano certo, necessário e universal. (...) donde, as denominações de teoria da iluminação ou da irradiação de uma luz espiritual, na qual o homem se une com o próprio Deus, Verdade eterna, imutável, mediante certa visão das *rationes aeternae*, das normas eternas.

(...) a razão humana julgou-se capaz de compreender de modo exaustivo a realidade e propôs-se transformar, de acordo com suas opiniões, todas as esferas da vida, pondo de lado a história<sup>4</sup>.

Os conceitos de Iluminismo/Iluminação e Ilustração portanto se confundem, se misturam, sendo ambos utilizados para aqueles que adquiriram conhecimento, os “iluminados”, aqueles que se destacam pelo saber e pelo uso da racionalidade. De fato, de acordo com Falcon (1986), não existe uma unanimidade sobre quando se utilizar um conceito ou outro, o fato é que, ao serem utilizados, eles conseguem estabelecer um sentido característico ao movimento Iluminista, que se baseia em princípios racionais para se moldar a sociedade. Na verdade, ambos os conceitos são concebidos *a posteriori* do movimento em si, adotando então significados que variavam muito entre si, mas que basicamente possuem relação com conhecimento e racionalidade, como é o caso alemão: “No caso do ambiente cultural alemão, Aufklärung<sup>5</sup> significa esclarecimento, descobrimento, reconhecimento (...)”<sup>6</sup>.

Ainda de acordo com Falcon, o Iluminismo é um processo de construção da autonomia do homem com relação à sua capacidade de pensar e criar, e que seus primórdios encontram-se no Renascimento. Cabe aqui um parêntese elucidativo que permite refletir um pouco além de Falcon, ou seja, se o Iluminismo possui suas bases no Renascimento dos séculos XV – XVI, é possível ainda estabelecer um elo com a Antiguidade Clássica greco-romana, já que os renascentistas buscavam inspiração na estética clássica dos gregos e romanos. Assim, é possível falar de uma provável relação entre a Antiguidade Clássica e o Iluminismo, mesmo que de forma tênue. A partir da influência renascentista no pensamento Ilustrado, percebe-se que o Iluminismo surge com

---

<sup>4</sup> BRUGGER, *Dicionário de Filosofia*, pp. 222-223.

<sup>5</sup> Termo que designa Iluminismo em alemão.

<sup>6</sup> FALCON, *Iluminismo*, p. 14.

novas propostas, novos ideais que aparecem com a intenção de se opor às morais defendidas pelo Antigo Regime, tais como o advento do paradigma naturalista, ou seja, a natureza é auto-regulada (uma das fontes de inspiração de Rousseau para seu homem natural); a visão imanentista; a afirmação do livre-pensar; radicalismo anti-clerical; empirismo (fruto da Revolução Científica do século XVII); e o mais influente de todos eles, o uso inquestionável da Razão (o racionalismo era uma das principais vogas do pensamento Ilustrado)<sup>7</sup>.

Sobre tudo que foi exposto até aqui, já é possível notar qual era o contexto intelectual em que Rousseau cria sua obra, ou seja, sobre o que as correntes de pensamento histórico-filosóficas estavam refletindo acerca da sociedade, quais eram seus problemas. Vale ressaltar ainda que Rousseau escreveu tal obra no intuito de ganhar um concurso de artigos feito em Genebra, encaminhando para os governantes da localidade uma carta exaltando as qualidades e virtudes da República de Genebra. Nota-se portanto, que Rousseau utiliza-se de um artifício inteligente para tentar ganhar o prêmio do referido concurso de artigos<sup>8</sup>.

Partindo para uma análise específica da obra, Rousseau objetiva com ela descobrir como ocorreu o surgimento da desigualdade entre os homens, desigualdade essa moral e política, existindo assim uma superação da natureza pela lei. Ele busca compreender a origem, como o próprio título da obra já diz, da desigualdade entre os homens. O interessante a ser notado é que Rousseau utiliza-se de um método já comum entre o seu meio, ou seja, a metodologia empregada para confecção da obra foi utilizada por outros filósofos e juristas da época como Diderot, Condillac, Grócio e Pufendorf, que se baseava no contratualismo. Esta metodologia basicamente se estruturava em conjecturas e observações (relevância da empiria nos estudos rousseauianos, marcando a influência dos estudiosos empiristas do século XVII), sendo que através das observações Rousseau se utilizava da comparação com exemplos históricos para fundamentar suas idéias. Ele compara, por exemplo, as relações entre os homens modernos com os homens em seu Estado de Natureza, pontuando que o amor pode ser controlado ou uma paixão saciada

---

<sup>7</sup> Informações retiradas de uma palestra sobre 'Iluminismo' proferida no Centro Universitário de Belo Horizonte em 2002 pela professora Mônica Liz Miranda, Mestra em História pela UFMG.

<sup>8</sup> ROUSSEAU, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p. 33-42.

quando findo o ato sexual; dessa forma, o amor tomou a conotação descomedida com o advento da sociedade<sup>9</sup>. Além disso, utiliza-se de clássicos como Platão e Aristóteles, célebres pensadores da Antiguidade Clássica que o ajudam a pensar o homem em seu Estado de Natureza. Assim, Rousseau vai permeando sua análise com exemplos diversos que tendem a fundamentar seus postulados.

O homem em Estado de Natureza, ou seja, o homem natural é aquele que vive como um animal, que vive numa realidade onde as desigualdades são muito fracas ou até mesmo inexistentes, um ser que em si mesmo não necessita da sociabilidade, que não sabe diferenciar o que é bom do que é mau por não possuir paixões e virtudes (Rousseau, 2000, p. 79). Neste sentido, o homem vive sua plenitude material, já que não sente necessidade de compartilhar sentimentos com outros seres da mesma espécie que ele. A degeneração humana se inicia quando o homem passa a sentir necessidade de viver em grupos, que futuramente irão constituir as sociedades. Esta necessidade se dá pelo fato do homem, diferentemente dos outros animais, estar livre para interagir com o mundo que o cerca, ou seja, sua capacidade de criar e inovar os objetos e as coisas da natureza o diferencia dos demais animais, culminando necessariamente na aproximação com outros de sua própria espécie. É neste princípio básico que se baseia o objetivo do discurso:

Assinalar, no progresso das coisas, o momento em que, sucedendo o direito à violência, submeter-se a natureza à lei; de explicar por que encadeamento de prodígios o forte pôde resolver-se a servir ao fraco, e o povo a comprar uma tranquilidade imaginável pelo preço de uma felicidade real<sup>10</sup>.

Dessa forma, ao se diferenciar dos demais animais, o homem passa também a estabelecer desigualdades entre os de sua própria espécie, que são as desigualdades de cunho moral e político. Segundo Rousseau, vários direitos de que gozam alguns em prejuízo de outros.

Com o advento da sociedade, portanto, se dá a origem da desigualdade entre os homens, e esta se verticaliza com o surgimento da propriedade privada, onde alguns possuem e outros não. Rousseau observa bem a questão da desigualdade, sendo os

<sup>9</sup> ROUSSEAU, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, p. 80.

<sup>10</sup> ROUSSEAU, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, p. 51-52.

primeiros males os seguintes: “por um lado, concorrência e rivalidade; por outro, oposição de interesse e sempre o desejo oculto de tirar proveito à custa de outrem”<sup>11</sup>. Fica claro então que a sociedade gera a desigualdade, e que o homem natural, portanto, vivia uma época de felicidade pelo fato da inexistência das desigualdades. Há nesse sentido o que Rousseau chama de “Estado Intermediário”, caracterizado como a época mais feliz e duradoura para o homem, época da juventude do mundo. A sociedade gera uma decrepitude deste Estado Intermediário, colocando em xeque a felicidade do homem e iniciando suas desigualdades. Como muito bem elucida Maria das Graças de Souza:

No Segundo discurso<sup>12</sup>, temos a seguinte situação: cada qual começando a olhar os outros e a desejar ser ele mesmo olhado, a estima do outro passa a ter um preço; das primeiras preferências nascem as paixões da vaidade, do desprezo, da vergonha e da inveja. Contudo, este período, embora já distante do primeiro estado de natureza, pode ter sido o mais feliz da história dos homens, já que no grau de desenvolvimento a que haviam chegado, os homens ainda gozavam de sua independência natural, ou de um “comércio independente”, como diria Rousseau<sup>13</sup>.

Ou seja, o homem chegou num estágio que vivia em ótima harmonia com a natureza e com os outros de sua espécie, porém, “de outro lado, como, no momento funesto em que um homem cercou a terra e disse isto é meu, não houve ninguém que pudesse contestar sua usurpação, o destino desastroso da humanidade não pôde ser evitado”<sup>14</sup>.

O ponto chave da obra de Rousseau, que casa perfeitamente com o intuito do presente trabalho, é quando ele defende a idéia de se tentar um retorno ao Estado de Natureza, porém não da forma selvagem como era caracterizado o homem em seu estágio primordial, mas sim um retorno do homem natural através do uso da Razão, ou seja, Rousseau pontua a racionalidade como uma ferramenta cabível para o retorno a um estágio de felicidade para a humanidade, e que somente através dela o homem conseguiria se desligar das paixões e das virtudes, constituidoras das desigualdades, para poder viver em paz. A este novo estágio, Rousseau deu o nome de Democracia, que para ele é a principal forma de organização da sociedade, sob um corpo de leis, que garante o fim de privilégios

<sup>11</sup> ROUSSEAU, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: LP&M, 2008. p 93.

<sup>12</sup> A obra de Rousseau é dividida em basicamente duas partes, o Primeiro Discurso e o Segundo Discurso.

<sup>13</sup> SOUZA, *História e declínio*, p. 47.

<sup>14</sup> SOUZA, *História e declínio*, p. 47.

de alguns poucos grupos sociais em detrimento de outros. A Democracia portanto seria a organização social que mais se aproxima do Estado de Natureza.

É notório como o contexto das idéias e do intelectualismo do século XVIII, que defende a Razão e a Ciência acima da Fé e dos princípios transcendentais, está presente na obra de Rousseau. O autor articula uma miríade de valores do pensamento Ilustrado em seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, dando destaque para o racionalismo enquanto valor primordial para a solução dos problemas gerados pelas desigualdades entre os homens. Rousseau vislumbra uma sociedade mais justa e democrática, baseada na Ciência e no pensamento Ilustrado, exemplificando isso claramente na obra analisada, utilizando uma metodologia comum à sua época e de fácil entendimento e relação com a sociedade atual.

## Conclusão

Para esboçar uma conclusão, é necessário iniciá-la dizendo que este texto não teve a pretensão de esgotar as reflexões acerca das possibilidades de se relacionar o homem natural com o pensamento Ilustrado, mas auxiliar nesta discussão inserindo alguns pontos-chave que ajudem a compreender as referidas relações. Como dito anteriormente, a idéia é estabelecer um contato entre o autor (Jean-Jacques Rousseau), a obra (*Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*) e o pensamento Ilustrado do século XVIII, tendo como objetivo um entendimento maior da confecção da obra no contexto intelectual dela, ou seja, no contexto de efervescência das idéias Iluministas.

O homem natural de Rousseau possui uma relação direta com o ideal racionalista da Ilustração, como se pode muito bem observar na passagem de Claire Salomon-Bayet:

Uma vez desempenhado o seu papel, que era o de apreciar a distância entre a animalidade do homem e a animalidade do animal<sup>15</sup>, a capacidade de variação do mais e do menos, própria ao homem, o jogo inovador dos sentimentos e das paixões, o conceito de homem da natureza desaparece:

---

<sup>15</sup> Perceba a diferenciação de animalidades, onde fica sugerido que a animalidade do homem possui certa dosagem de racionalismo que a diferencia da animalidade do animal.

o conceito do homem natural é então o seu “suplemento” – aquilo que substitui e aquilo que se acrescenta. Enquanto o homem da natureza era do domínio de uma abordagem aparentemente retrospectiva, o homem natural é o fruto de um esforço resolutamente prospectivo. Enquanto o primeiro, em sua imbecilidade originária, feliz, era “nulo” para si mesmo e para os outros, o segundo é unidade numérica, o inteiro absoluto, o universal, a esperança de uma felicidade possível, quaisquer que sejam as condições impostas por uma história<sup>16</sup>.

Portanto, é óbvio que Rousseau pensava, de acordo com o trecho de Salomon-Bayet acima, o homem natural como um homem que tinha a capacidade de aperfeiçoar-se, de sofrer um progresso. É neste sentido que o racionalismo se fundamenta no âmago do homem natural, pois ele não está agindo com uma racionalidade consciente, mas com uma racionalidade inerente ao seu ser. De acordo com Rousseau, foi esse avanço ao progresso que retirou o homem de seu estado natural, porém degenerando-o por sua associação em sociedades.

O uso do racionalismo então deve ser feito em prol de se constituir sociedades democráticas, para que assim os homens voltem a se assemelhar ao homem natural do Estado de Natureza, tornando-se bastante elucidativa a idéia de defesa da relação existente entre o homem natural e o pensamento Ilustrado. Cabe a todos a reflexão e o debate político para averiguar se Rousseau tinha ou não razão.

## REFERÊNCIAS:

BRUGGER, Walter. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. 4 ed. São Paulo: EPU, 1987. pp. 222 – 223.

FALCON, Francisco José Calazans. *Iluminismo*. São Paulo: Ática, 1986.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

\_\_\_\_\_. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: LP&M, 2008.

<sup>16</sup> SALOMON-BAYET, *Jean-Jacques Rousseau*, p. 157.



SALOMON-BAYET, Claire. *Jean-Jacques Rousseau*. In: CHÂTELET, François (Org). *História da Filosofia: O Iluminismo: o século XVIII v. 4*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974. pp. 130 – 157.

SOUZA, Maria das Graças de. *História e declínio: Rousseau*. In: \_\_\_\_\_. *Ilustração e História: O pensamento sobre a história no Iluminismo francês*. São Paulo: FAPESP, 2001. pp. 45 – 93.

VILLALTA, Luiz Carlos. *1789 – 1808: O império luso-brasileiro e os Brasis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. pp. 11 – 36.